
Reflexões acerca da utilização do Pinturesco

Uma estratégia metodológica na construção de paisagens contemporâneas

EURAU'12

ABSTRACT. The Landscape understood as a cultural construction was the guiding concept for the development of the experience here reported. The intention of this experience, in the form of a graduation course, was to conduct a process of accumulation of intervening actions proposed by the participants departing from the living experience of an urban place and supported by theories on the picturesque. Based on the principles of a collective creation laboratory, the active guidance tried to allow the free flow of ideas. After the synthesis of the proposed interventions, in such a manner that they could be associated for the composition of proposals for interventions on the subject of study, in this case, the edges of a railway that crosses the town: far from the idea of those great projects that change completely the character of an urban place, the intention was to stimulate a subtler attitude for the intervention, linked to the site idea, memory, and landscape.

KEYWORDS. Contemporary Design Landscape / Picturesque / Urban Landscape

Luciana Bongiovanni Martins Schenk *

**Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – IAU - USP
Av. Trabalhador Sancarlense, 400, São Carlos, SP, Brasil - lucianas@sc.usp.br
00 55 16 3307-4337*

1. Introdução

A experiência aqui apresentada relata o percurso de uma disciplina ministrada no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, IAU – USP, que se configurou a partir do encontro de professores cujas pesquisas confluíam na direção da paisagem compreendida como construção cultural, fruto de um contexto histórico ao qual se relacionam a ação humana e as disposições físicas desse território, relevo, vegetação, presença de corpos de água, entre outros.

A área escolhida para a intervenção localiza-se na cidade de São Carlos, que dista 236 km da capital São Paulo, e está associada ao ciclo econômico cafeeiro, ocorrido no Brasil a partir de meados do século XIX, grande responsável pela construção da rede ferroviária que levava a produção aos portos. O fim desse ciclo econômico, associado à opção pelo desenvolvimento sobre pneus, levou o país à construção de grande infraestrutura rodoviária; assim, suas linhas férreas entraram em franca decadência, graças à ausência de investimentos e manutenção.

Atualmente, o ramal de via férrea que passa pela cidade opera apenas o transporte de cargas, minério de ferro e produtos agrícolas para exportação, com passagens de trens em torno de seis vezes ao dia.

A continuidade das linhas na paisagem funciona como obstáculo à passagem de pessoas e veículos e termina por cindir a cidade em partes distintas pela qualidade de ocupação; tipologias e morfologias criam a experiência de estar em duas cidades, separadas por essa cicatriz da orla ferroviária.



Figura 1. Área de intervenção

Há nessa parte da cidade um vazio que deixa entrever um potencial espaço de intervenções; um intervalo na trama urbana, na maior parte do tempo silencioso, a exceção do momento perturbador quando da passagem das longuíssimas composições dos trens.

Restos de tempos ali se acumulam, dormentes empilhados, vagões retorcidos de acidentes passados a espera de um destino, ou simplesmente esquecidos, edificações em mau estado que há tempos funcionaram como galpões de estocagem e que perderam sua função, ruínas entremeadas pela vegetação cuja imagem apresenta descuido, ou simples abandono.



Figura 2. Imagens do lugar

A expectativa da disciplina era, a partir da leitura desse espaço urbano alicerçada na experiência vivida, conduzir um processo que acumulasse ações de projeto que refletiam e propunham modificações.

Porém, interessava sobremaneira calibrar essa ação: numa formulação que se aproximava à ideia de laboratório, os momentos de orientação e síntese buscavam deixar que as ações, implicadas e informadas pelo processo de leitura desse espaço, pudessem aflorar para serem associadas e então compor uma intervenção urbana na orla da ferrovia; longe de reiterar a postura dos grandes projetos que modificam a fisionomia de um território, a disciplina procurou suscitar uma postura de ação mais sutil, articulada à memória, história e paisagem daquele lugar.

Havia a clara intenção de promover uma figura como motor dessa experiência de projeto para um lugar que, ao perder sua função original e central no desenvolvimento da cidade, acumulava restos de edificações e testemunhos de um antigo uso.

O Pinturesco¹, do original *Picturesque*, é denominação associada ao jardim inglês do século XVIII, mas que como chave estética, ao lado do Belo e do Sublime, fundamenta desenvolvimentos artísticos até a derrocada das preceptivas retóricas que anunciam a Modernidade. Não sem ironia, essas chaves têm sido objeto de reflexões e produções, revisitadas e revistas em suas matrizes teóricas, ambientadas em tempos contemporâneos.

No intuito de ampliar os repertórios dos alunos foram previstas aulas expositivas que versavam sobre a questão, expoentes teóricos e suas manifestações originais. O **picturesque**, que se estabelece como reação a um modo de compor anterior, século XVII, que buscava controlar todos os elementos, tem na chamada **mixture** um dos fundamentos da sua composição, (Robinson, 1991).

A **mistura** procurava interromper domínios percebidos como monótonos para instalar a **irregularidade** e **complexidade** em uma apreensão calcada na **surpresa**, sem se deixar, contudo, enveredar pelos excessos – (que no limite terminariam por homogeneizar a experiência). Ao lado da mistura, e complexidade, as questões relacionadas à **continuidade**, ao par **artifício e natureza**, a grande questão da acumulação dos tempos, e o apreço pela imagem que resulta de sua passagem, a **mudança** e como ela se manifesta na paisagem, são **modelos da experiência pinturesca**, estabelecidos no século XVIII por teóricos e críticos como William Gilpin², Uverdale Price³ e Richard Payne Knight⁴.

Outra face da estratégia metodológica da disciplina apresentava possíveis contatos dessas questões com o período contemporâneo através de obras e reflexões. Foram propostos ainda seminários, a partir da leitura de textos de Robert Smithson, Lucrecia D'Aléssio Ferrara⁵, Ignasi Solá-Morales e Win Wenders que completavam o quadro de informações proposto e preparavam a visita a campo em grupo.

2. Campo, Experiência e Paisagem

A primeira reação do grupo ao palmilhar esse território foi de estranhamento, uma parte da cidade sempre presente e, ao mesmo tempo profundamente distante: o espaço vizinho aos trilhos do trem e os trechos alargados nos quais eram feitas a manutenção das locomotivas e reparos nas composições estão negligenciados.

O relevo, modelado em tempos anteriores, teve um de seus desníveis adaptado a uma trilha que termina por encurtar o caminho entre as duas partes da cidade por sobre os trilhos; o capim a crescer por todos os lados testemunha uma natureza física ativa e quase selvagem, em contraponto ao horizonte de edifícios altos visíveis na área central.

A noção de ruína e marcas de um uso anterior vivenciadas num percurso com ares de deriva. A impressão de abandono, um hiato, uma pausa entre o centro da cidade e o bairro histórico da Vila Prado, de ocupação coetânea à instalação da ferrovia em finais do século XIX.

Porém, a situação urbana do trecho propiciou uma vista privilegiada da cidade. O caminhar entre os restos desse lugar promoveu o enquadramento da paisagem e

surpreendeu pelas relações que foi capaz de engendrar; ali o horizonte se descortinou reapresentado como paisagem urbana.

A partir da experiência vivida, um primeiro produto foi então solicitado aos alunos individualmente: a produção de um objeto síntese da **leitura do lugar** tendo como material as imagens coletadas e distinguidas, verbais e não verbais. A trama entre diferentes manifestações e linguagens foi estimulada entre os participantes, e deu origem a instigantes respostas⁶. Em seguida, como fruto das relações suscitadas por esse processo, ações de projeto começaram a surgir e passaram a ser desenvolvidas em grupo. Cada grupo teria como tarefa final elaborar um projeto para a área que fosse composto das diferentes ações imaginadas.

Da interlocução entre os alunos resultaram as escolhas de agrupamento, fundamentadas na compreensão coletiva das qualidades das intervenções individuais, e tendo como pressupostos as informações que vinham sendo trabalhadas; as ações confluíram e sofreram mudanças, tomavam formas que ampliavam sua significação pela convivência dessas ações. Elas testavam misturas e continuidades, revelavam tensões e conflitos, teciam comentários sobre o lugar à luz da dicotomia natureza / artifício.

O silêncio e a impressão de que o tempo havia parado foram transformados em trunfo, contraponto à rotina acelerada⁷. O abandono foi cuidadosamente mediado, de sorte que, por exemplo, o status dos vagões retorcidos e corroídos pelo tempo se alterasse: repositonados, ocuparam em muitas ações nova visibilidade.

Procurar fazer com que aquele espaço pudesse participar do jogo urbano era um lugar comum aos alunos que pareciam haver descoberto uma especial ambiência naquele lugar negligenciado. Sensibilizados pelas informações recebidas e munidos de registros fotográficos, desenhos e descrições, tornados elementos plasticamente trabalhados, elaboraram um imaginário que reunia cidade e paisagem, memória e passagem dos tempos.



Figura 3. Imagem síntese do processo de leitura

“Como em todo produto estético, a fotografia comunica não apenas as percepções que destes espaços podemos acumular, mas também as afecções, quer dizer, aquelas experiências que do físico passam ao psíquico convertendo o veículo das

imagens fotográficas em meios através das quais estabelecemos com esses lugares, vistos, ou imaginados, um juízo de valor.” (Solá-Morales, 2002. 186).

Certas questões funcionais foram trazidas à tona: era necessário ligar as duas partes da cidade, reativar esse lugar como referência, gerar um percurso e, através dele, construir momentos nos quais a população pudesse fruir de questões mais diretas relacionadas ao patrimônio, à história e à imagem da cidade.

Escadas, passarelas e pontes passaram a participar do lugar nas representações, como também praças e singelos alargamentos ambientados para o descanso, muitas vezes com construções com qualidades de dispositivo óptico, mirantes a enquadrar a paisagem.



Figura 4. Propostas de enquadramentos da paisagem

A qualidade da vegetação foi tema bastante discutido, a defesa de Joseph Addison, (1712), de uma particular percepção, a descoberta de um prazer, quando *o acaso parece possuir um efeito de desenho*⁸, (ROBINSON, 1991), inspirou ações que procuraram aclimatar essa ideia original à realidade brasileira dos trópicos.

Ao mesmo tempo, um diálogo relacionado àquilo que Robert Smithson, (1973), chamou **potencial dialético do pintoresco** foi ativado: as relações entre Natureza e Artificio sob uma perspectiva contemporânea, a inclusão das condições marginais e contraditórias ancoradas na experiência do corpo.

Uma subversão do original lugar da paisagem, a presença de paisagem em lugares inusitados, a instalação de um especial olhar a desvendar a paisagem como **cicatriz temporal causada na natureza pela ação humana**, não havendo espaço para a atribuição de *beleza*, mas a percepção de que o estado das coisas demonstra a continuidade transformadora da relação entre Homem e Paisagem.

Surgiram situações nas quais novas peças foram inseridas nos lugares originalmente abandonados; uma construção ruínosa foi destelhada, em meio à sua nudez, em fenda aberta no solo pavimentado foi plantada uma árvore. Caminhos e

escadas redesenharam percursos mediados por diferentes experiências: algumas materializam lâminas que enquadram a paisagem urbana, outras, sob a forma de trilhos que se projetam do solo tomam a forma de uma peça em aço cortem, mobiliário, ou simples comentário, acerca do medo velado que o caminhar ao lado da via férrea pode provocar.



Figura 5. Esboços da localização de escultura

3. Conclusão

A disciplina ministrada junto ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU – USP teve como pressuposto um modo de ver a paisagem pautado pela cultura ⁹, a disposição foi a de criar situações propícias para o afloramento de ideias e o suscitar de alternativas e formas de trabalho que deem vazão a uma expectativa: que argumentos se apresentam como parâmetros possíveis para a construção de um espaço livre público contemporâneo. A investigação que permanece no horizonte desse desenvolvimento é o lugar da arquitetura da paisagem e do paisagismo em tempos atuais.

A historiografia testemunha uma atividade relacionada ao privilégio de poucos até meados do século XIX. O advento dos parques como lugar público de excelência, associado como alternativa à cidade adensada e insalubre, em pouco tempo se tornou peça urbana fundamental, em termos sociais e de infraestrutura cidadina, o que terminou por provocar uma mudança no estatuto da profissão.

A experiência de uma natureza mediada e concebida como obra de arte pelos precursores tem ecos no presente. É esse contato, trânsito que atualiza ideias originalmente instaladas no século XVIII, que torna possível essa experiência que não pretende, ou tenciona um fim ¹⁰.

O olhar do paisagista é o olhar do exilado, do que conhece sua estranheza radical com as coisas, mas recorda, ou melhor, constrói, um passado, uma memória, um sentido. (SILVESTRI e ALIATA, 2001, 10).

Notas

¹ Os dicionários apenas recentemente incorporaram o pinturesco como sinônimo de pitoresco. Em nossa reflexão, a utilização do termo se torna fundamental uma vez que o pitoresco assumiu em território brasileiro as notas do sentido figurativo que se afasta radicalmente tanto da concepção original, derivada da soturna Arcádia, (SHAMA, 1995, 537 e 538), quanto das chaves contemporâneas, (SMITHSON, 1973). O Pinturesco, conforme o dicionário Aurélio Buarque de Holanda define-se como aquilo que é relativo à pintura. E no sentido figurativo: ameno, deleitoso.

² A popularização do Pinturesco por William Gilpin, em suas várias viagens descritivas pela Inglaterra, suas recomendações acessíveis e desenhos, e frases de grande efeito como: *a ruína é coisa sagrada*, serão o ponto de partida para uma empreitada de maior envergadura teórica pretendida por Uvedale Price e Richard Payne Knight. (SILVESTRI e ALIATA, 2001, 75).

³ O tratado *On the Picturesque*, (1794), expõe a noção, retomada na sua argumentação em três outros ensaios (1798). Uvedale Price *define a paisagem pinturesca como aquela que será agradável pintura, reação da arte sobre a percepção da natureza.* (MARTINET, 1980, 246).

⁴ O poema didático de Knight, *The Landscape*, 1794, expõe a doutrina pinturesca onze anos antes do escrito *Analytical Inquiry into the Picturesque of Taste*, que torna claro o que os versos do poema anunciavam: *o pinturesco é, com efeito, uma teoria de associação, uma função da imaginação.* (HIPPLE, 1957, 248 e 249).

⁵ *A percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apoia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos com fragmentos habituais da cidade. Uso e hábito, reunidos, criam juntos a imagem perceptiva da cidade que se sobrepõe ao projeto urbano, e constitui o elemento de manifestação concreta do espaço. Entretanto essa imagem, porque habitual, apresenta-se homogênea e ilegível.* (FERRARA, 1993, 18).

⁶ Um dos alunos, por exemplo, apresentou imagens relacionadas a frases, que funcionaram como motes em suas intervenções: *Todas as cores escondidas nas nuvens da rotinal/ Buracos de silêncio/ Além do que não se vê.*

⁷ Win Wenders, em fala apresentada em Colóquio de realizado em Tóquio em 12 de outubro de 1991, testemunha sensibilidade singular ao incitar os arquitetos à construção do vazio ao invés apenas das grandes e espetaculares arquiteturas; o investimento na construção de momentos propícios à reflexão como alternativa à alienação que a sobrecarga de imagens contemporâneas nos impinge. WENDERS, W. *A Paisagem Urbana*, in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tradução Maurício Santana Dias, no. 23, 1994. Publicado originalmente in *La Verité des Images*, Paris, L'Arche, 1992.

⁸ Joseph Addison, (1672 – 1719), em ensaio publicado no *Spectator* (1712), *Os prazeres da imaginação*, introduz uma peculiar percepção estética ao revelar esse prazer vivido – *"quando o Acaso parece possuir um Efeito de Desenho"*, e que está nas origens do desenvolvimento de uma nova teoria estética da composição: a séria consideração do **irregular** e do **descuidado** como questão estética.

⁹ *Existem dois modos de artealizar um terreno para transformá-lo em paisagem. A primeira consiste em inscrever diretamente o código artístico na materialidade do*

local, sobre o terreno, a base natural. Artealiza-se in situ. É a arte milenar dos jardins, o landscape gardening a partir do século XVIII, e, mais próxima de nós, a Land art. A outra maneira é indireta. Não se artealiza mais in situ, mas in visu, opera-se sobre o olhar coletivo, fornece-se lhe modelos de visão, esquemas de percepção e de fruição. ROGER, apud SALGUEIRO, 2000, 33.

¹⁰ Ainda inspirados por uma das disposições próprias dessa figura: o pintoresco opera através do uso do menor poder disponível para compor as partes num arranjo que não pretende, ou pressiona, a conclusão. (Robinson, 1991, xi).

Legendas

Figura 1. Área de intervenção: orla ferroviária, cidade de São Carlos, SP, Brasil. Imagem de Mailton Sevilha sobre o Google Earth.

Figura 2. Espaços livres junto à linha férrea, Imagem de autoria de Juliana Valentim Harayashiki.

Figura 3. Parte do material resultante do processo de leitura do lugar apresentado em seminário pelos alunos. Imagem de autoria de Julia Kotchetkoff.

Figura 4. Esboços das intervenções: mirante e dispositivo ótico. Autoria Maria Cecília Pedro Bom de Lima. Imagem sobre foto gerada por Lisandra Casagrande

Figura 5. Esboços das intervenções: esculturas em aço cortem dispostas em frente aos galpões de armazenamento. Autoria Mariana Rosel. Imagem sobre foto gerada por Lisandra Casagrande.

Bibliografia

COFFIN, David. *English Garden – Meditation and Memorial*. New Jersey, Princenton University Press, 1994.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Olhar Periférico. Informação Linguagem Percepção ambiental*. São Paulo, EDUSP – FAPESP, 1993.

HANSEN, João A. *A temporalidade na cultura contemporânea. In Conversas no Ateliê, palestras sobre Artes e Humanidades*. Direção Vera M. Pallamin, coordenação Joaci Furtado. São Paulo, FAU – USP, 2002.

HIPPLE Jr, Walter John. *The Beautiful, The Sublime, & The Picturesque in Eighteenth – Century British Aesthetic Theory*. New York, Southern Illinois University Press, 1957.

HUNT, John Dixon and WILLIS, Peter, editors. *The Genius of the Place. The english Landscape Garden 1620-1820*. The MIT Press, Cambridge/London, 2000, (1988).

LE DANTEC, Denise and Jean Pierre. *Reading the French Garden: Story and History*. Cambridge, MIT Press, 1990.

MARTINET, Marie-Madeleine. *Art et Nature en Grande-Bretagne. De l'harmonie classique eu pittoresque du premier romantisme, 17e – 18e siècles*. Paris, Aubier-Montaigne, 1980.

ROBINSON, Sidney, K. *Inquiry into the picturesque*. University of Chicago Press, Chicago & London, 1991.

ROGER, Alan. *La Naissance du Paysage em Occident*, in *Paisagem e Arte*, org SALGUEIRO, Heliana Angoti. São Paulo, CBHA / CNPQ / Fapesp, 2000.

SCHAMA, Simon. *Landscape and Memory*. New York, Vintage Books, 1995.

SILVESTRI, Graciela y ALIATA, Fernando. *El Paisaje como Cifra de Armonía – relaciones entre cultura y naturaleza través de la mirada paisajística*. Buenos Aires, Nueva Vision, 2001.

SMITHSON, Robert. *Frederick Law Olmsted and the Dialectical Landscape*. (Artforum, 1973). In: *Robert Smithson: The Collected Writings*, FLAM, Jack D., ed. Berkley, University of California Press, 1996, 157 a 171.

Biografia

Luciana B.M. Schenk é arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP, e Mestre pela mesma Instituição. Possui uma segunda graduação, em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. É doutora pela Escola de Engenharia de São Carlos, EESC – USP, e professora de Paisagismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP. É fundadora do escritório Studioilex Arquitetura e Paisagem.